"FAÇO MINHA ESTRELA SEM APAGAR A SUA": A BRILHANTE TRAJETÓRIA DE ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA

Amanda Ribeiro Barbosa

"Faço minha estrela sem apagar a sua". Somente uma pessoa muito sensível e generosa é capaz de formular uma frase como essa. De ainda maiores sensibilidade e generosidade é quem imprime essas palavras em um livro destinado a crianças.[1] Mas é de infinita grandeza aquela que, ao fazer sua estrela, não só não apaga a de outra pessoa como, também, a ajuda a poli-la. Dona de mente e olhar brilhantes, Alaíde Lisboa de Oliveira dedicou sua vida a pregar estrelas com pregos de ouro nas saias da lua.[2] O legado de seus 102 anos de vida deixou marcas permanentes nas áreas da educação e da literatura infantil brasileiras. Em algumas ocasiões, Alaíde resgatava o filme *Ano passado em Marienbad*, de Alain Resnais, para defender a ideia de que a vida, ao contrário do que se pensa, não é linear. Então, perguntava: por que nossa fala haveria de ser? Usando essa ideia como abrigo – e como alento –, teço aqui alguns pontos da trama da irrequieta vida da escritora, professora, jornalista e política mineira.

"Nasci no mesmo dia do descobrimento do Brasil, mas não no mesmo ano". Essa era a resposta que dava, sem muitas delongas, toda

1 A frase escolhida como título deste trabalho foi retirada de OLIVEIRA, 1988.
2 Trecho de "O menino poeta", poema de Henriqueta Lisboa, que pode ser encontrado em MARQUES; OLIVEIRA, 2013, p. 68: "tornou a pregá-la / com três pregos de ouro / nas saias da lua".

vez que alguma criança lhe perguntava qual era a sua idade. Nas proximidades de seu centenário, Alaíde revelou o mistério do ano de seu nascimento: em 22 de abril de 1904, na cidade de Lambari, em Minas Gerais, Maria Rita Vilhena Lisboa e João de Almeida Lisboa deram à luz mais uma filha. A menina logo encontrou meia dúzia de irmãos e ainda viu muitos outros chegarem. Dizia que "aprendia com os mais velhos e reaprendia com os mais novos" (OLIVEIRA, 2000). Talvez a humildade com que conduziu sua prática de professora derive dessa configuração familiar, que lhe permitiu aprender com os mais experientes – entre eles, dois grandes poetas – e reaprender com os que ainda viviam a liberdade das descobertas.

Com apenas dois meses de idade, quase morreu de uma doença nos pulmões. Seus pais, de intensa fé católica, anteciparam seu batizado na esperança de que a bênção a curasse. Na cerimônia, D. Felícia, uma amiga da família, vendo a bebê sofrer para respirar, enfiou-lhe um lenço na garganta e retirou o excesso de muco acumulado. Alaíde recuperou o fôlego e a vitalidade, mas os problemas respiratórios a acompanharam durante boa parte de sua infância em Lambari. Tinha febre todos os dias; suas bochechas rosadas indicavam a hora exata: quatro da tarde. As estratégias para diminuir a temperatura funcionavam, mas a menina só conseguiu a cura definitiva quando viajou com sua mãe a Itajubá e tomou o remédio do Dr. Lisboa, afamado médico da cidade.

Cresceu rodeada de irmãos – eram 14 ao todo, mas alguns morreram ainda muito pequenos. Dizia que, quando saíam para passear, pareciam uma turma escolar em excursão. Bebiam, na hora que bem quisessem, copos cheios das famosas e formosas águas de Lambari e zombavam dos veranistas, que conferiam receitas médicas para tomar a dose certa. Adoravam brincar de "bilosca", apesar de não existir bolinha de gude na cidade. Jogavam pinhões; os mais redondinhos, chamados de "paturrecas", garantiam as melhores jogadas. Alaíde contava que as brincadeiras eram tão importantes quanto os estudos. Todos os filhos do casal Lisboa, meninos e meninas, tiveram a oportunidade e o dever de estudar. Além de incentivada pela mãe, de quem ouviu incontáveis vezes "Filha minha é para estudar", a menina foi notavelmente influenciada por sua irmã mais velha, a poeta Henriqueta Lisboa, e seu irmão, também mais velho e poeta, José Carlos Lisboa.

Iniciou sua formação moral e intelectual no Grupo Escolar Dr. João Bráulio Júnior, em Lambari. Mantinha os olhos abertos e atentos e vivia fazendo perguntas a si mesma. Sua intensa curiosidade pelas coisas fez com que começasse a indagar oralmente, mas foi prontamente advertida. Obediente, engoliu seu desejo de explicações; preferiu não causar desconfortos e esperar que o tempo lhe trouxesse as respostas. Também foi no grupo escolar que se alfabetizou e aprendeu a gravar poemas na memória. Os de Olavo Bilac eram seus preferidos. Gostava do ritmo, das rimas e da ideia de que a poesia podia falar de coisas simples, que aconteciam em sua vida. Em "A boneca",[3] Alaíde modulava sua voz de acordo com as sensações evocadas pelas palavras. Dizia que caprichava na entonação de "(coitada!)", que aparecia assim, entre parêntesis. Na sua imaginação, esses tracinhos tortos eram as mãos do poeta protegendo a boneca dos descuidos das meninas que brigavam.

Mudou-se para a cidade de Campanha, no Sul de Minas Gerais, e ingressou no curso normal do Colégio Nossa Senhora de Sion. Alaíde admirava as freiras francesas, que educavam para garantir o aperfeiçoamento moral e religioso de suas alunas. Decorou poemas e trovas em francês, os quais recitava nos eventos escolares. A organização do currículo e as técnicas didáticas do Sion de Campanha tiveram grande influência na formação de Alaíde.

Em 1924, mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro. Seu pai, político atuante, havia sido eleito deputado federal. Alaíde continuou seus estudos e ampliou seus horizontes, uma vez que pôde participar da intensa vida cultural da cidade, capital do país. O convívio com os colegas políticos do pai e os amigos escritores dos irmãos apontou-lhe novos e sólidos caminhos em busca do investimento intelectual.

Voltou para Lambari e iniciou sua carreira educacional como professora primária. Certa vez, organizou um plano de curso e o entregou à sua diretora. No dia seguinte, ela lhe pediu permissão para publicá-lo na *Revista do Ensino de Minas Gerais*. Alaíde autorizou, desde que pudesse assiná-lo com um pseudônimo. Era o "medo da letra de forma" (OLIVEIRA, 2000), dizia. Aos poucos, novas oportunidades foram surgindo, e o medo, passando. Enquanto lia assustada suas primeiras "letras de forma", começava a se reconhecer como escritora.

3 O poema pode ser encontrado em MARQUES; OLIVEIRA, 2013, p. 22.

Em 1933, mudou-se para Belo Horizonte e ingressou na Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico da Secretaria da Educação e Saúde Pública de Minas Gerais, onde foi aluna das renomadas educadoras Helena Antipoff, Lúcia Casasanta e Alda Lodi. Com Antipoff aprendeu que "inteligência pela inteligência, cultura pela cultura, sabedoria pela sabedoria não levam à plenitude de nós mesmos sem o produto, sem a atividade, a ação projetada por nós, para fora de nós" (OLIVEIRA, 2000, p. 111). Alaíde relembrava com emoção, em suas falas e entrevistas, a confiança que Antipoff depositava em seu talento. Segundo a mestra, a discípula deveria sentir a responsabilidade de seus dons e dividi-los com outras pessoas. Afinal, "quem tem o que dar tem de dar" (OLIVEIRA, 2000). Ela sabia que aquele elogio não tinha a intenção de envaidecê-la, mas de lembrá-la de seu dever. Assim que terminou o curso de aperfeiçoamento, em 1934, foi nomeada assistente técnica do ensino.

Nos seus primeiros dias em Belo Horizonte, Alaíde conheceu José Lourenço de Oliveira, advogado, professor, escritor e jovem amigo de sua família. Com o tempo, as afinidades surgiram; o gosto em comum pela literatura, pela língua francesa e pela doutrina cristã foi determinante para o estreitamento do laço. Casaram-se no dia 22 de agosto de 1936, na Igreja de Lourdes, e deram início a um relacionamento de cumplicidade e mútua admiração. O casal teve quatro filhos: Abigail, bacharela em Direito; José Carlos, engenheiro; Sílvio, médico; e Maria, pedagoga. Alaíde, então, passa a conciliar os estudos e a carreira com os novos compromissos maternos e domésticos.

Em 1937, tornou-se professora de Português e Socialização no curso ginasial da antiga Escola Normal Modelo, hoje Instituto de Educação. Durante esse período, foi convidada para ser presidente da Associação dos Professores Públicos de Minas Gerais, a APPMG, da qual fazia parte desde que começou a exercer o magistério primário. Negociou e garantiu o aumento de salário e a perspectiva de carreira das professoras primárias numa época em que magistério era considerado "missão", ideia que dificultava a valorização da classe.

Para concluir um curso de Literatura Infantojuvenil e Psicologia, Alaíde deveria escrever um livro. Lembrou-se de uma história popular, da qual conhecia algumas versões, e tomou-a como ponto de partida para sua primeira obra literária. Assim, em 1938, com um pouco de água, farinha e açúcar, nasceu *O bonequinho doce*. *A bonequinha preta* veio logo em seguida, no mesmo ano. As sucessivas reedições de ambas as obras povoam infâncias há quase um século e somam mais de 1 milhão de exemplares vendidos.

Os compromissos como autora e pensadora da literatura infantil estavam apenas começando. Em 1939, juntamente com Zilah Frota e Marieta Leite, lançou seu primeiro livro didático. *A poesia no curso primário* (Ed. Francisco Alves, RJ) reunia poemas da poesia adulta que se comunicavam com as crianças – Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes e Henriqueta Lisboa faziam parte da coletânea.

A escritora se perguntava até que ponto existia uma literatura infantil. Acreditava que o compromisso do escritor não era tanto com o consumidor, mas consigo mesmo e com a arte. Segundo ela, até os livros didáticos precisavam ser elaborados por pessoas com sensibilidade artística. Cabia aos demais livros, de geografia, história e ciências, informar. O de Português também podia fazê-lo, desde que sua prioridade fosse possibilitar a leitura literária. Drummond concordava com a amiga – de acordo com o poeta, alguns livros escolares eram meros almanaques e não estimulavam o gosto pela leitura: "A Alaíde está certa. Muito bem, Alaíde!" (ALMEIDA; RESENDE, 1983).

A professora-escritora também atuou como jornalista, tendo sido membro do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais. Ao longo dos quinze anos que trabalhou no jornal *O Diário*, escreveu para a seção "Vida escolar", para a coluna "Cultura, educação e ensino" e dirigiu um suplemento infantojuvenil de 1948 a 1961. O *Diário do Pequeno Polegar*, nome que escolheu para o suplemento, era composto principalmente de literatura infantil, mas também trazia dicas e notícias de lançamentos de filmes, peças de teatro e livros para crianças. Também eram publicados desenhos e redações dos leitores, charadas, histórias populares do folclore brasileiro, poesia e contos.

Alaíde foi a primeira vereadora da Câmara Municipal de Belo Horizonte. Eleita primeira suplente, assumiu a vereança em 1949, apenas 17 anos após a conquista do voto feminino. Apresentou diversas proposições com o objetivo de aprimorar a cultura e a educação. Propôs a criação da Casa de Cultura, a fundação e a instalação do Colégio Municipal e a expansão da rede municipal de ensino. No entanto, diante da impossibilidade de limitar-se às questões culturais e educacionais, afastou-se da cena política. Incomodava-lhe ter que agir

em função de razões burocráticas; "apoio integral e oposição integral criam, às vezes, problemas de consciência" (OLIVEIRA, 2000, p. 161), revelou.

Ao longo de duas décadas, Alaíde acumulou conquistas, cargos e títulos significativos. No início dos anos 1950, foi convidada para ser professora assistente da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Minas Gerais, hoje PUC Minas, onde lecionou Didática Geral e Especial. Tornou-se professora na graduação e na pós-graduação das Faculdades de Filosofia, de Educação e de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Foi uma das fundadoras e a segunda diretora do Colégio de Aplicação da UFMG. Concluiu seu doutorado em Didática em 1957 e, dois anos depois, passou em primeiro lugar em concurso público para a cátedra de Didática Geral e Didática Especial de Português e Literatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Foi representante de Minas Gerais na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, a FNLIJ, e membro do Conselho Universitário da UFMG. Em 1971, organizou o mestrado em Educação da Faculdade de Educação (FAE)/UFMG e tornou-se a primeira coordenadora do curso. Assumiu a vice-direção da FAE em 1975. No ano seguinte, recebeu o título de Cidadã Belo-Horizontina da Câmara Municipal de Belo Horizonte; dois anos depois, o de Professora Emérita da UFMG. Nesse mesmo ano, lançou o *Nova didática*, livro que Drummond afirmou ter sido "feito de experiência, reflexão e amor à tarefa" (REIS, 2004, p. 10).

As décadas seguintes foram marcadas por novas publicações, homenagens e condecorações. Recebeu, entre outros prêmios: a Placa do Amigo do Livro, da Câmara Mineira do Livro, em 1982; a Medalha do Mérito Educacional, da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, em 1984; e a Medalha Helena Antipoff, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em 1985. Foi eleita membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais em 1986, da Academia Feminina Mineira de Letras (Cadeira 39) em 1988 e da Academia Mineira de Letras (Cadeira 6, antes ocupada por seu irmão José Carlos Lisboa) em 1995.

A educadora acreditava que o professor tem uma responsabilidade individual com cada aluno. Arguía de maneira humana e terna, enriquecendo a experiência de todos os presentes com seu conhecimento e sua didática. Magda Soares, que havia sido aluna de Alaíde,

também se tornou professora, escritora e pesquisadora. Ela comenta, no prefácio do livro *Quando o segredo se espalha*, que aprendeu com a mestra os caminhos para despertar em crianças e jovens o fascínio pela literatura (SOARES, 2013).

Mesmo envolvida com a carreira e a produção acadêmicas, Alaíde continuou visitando escolas para falar às crianças sobre seus livros. Os pequenos ficavam fascinados quando conheciam uma escritora tão famosa, autora de histórias que amavam. Depois da visita a uma escola da cidade de Santa Luzia (MG), um aluno lhe escreveu: "Fada existe: Dona Alaíde". Para ele, só fada tinha o poder de fazer boneco correr e boneca saltar a janela. Alaíde, que não era de guardar segredo, logo lhe revelou: "quem lê hoje, pode escrever amanhã". Se pudesse, certamente contaria esse segredo ao sino da torre de uma igreja bem alta, na esperança de que ele o espalhasse por todos os cantos: "delém-dém / delém-dém / delém-dém / dém-dém!".[4] E, de certa forma, assim o fez.

Graças à sua rica, atenta e extensa trajetória pelas áreas da educação e da literatura, Alaíde fez parte da vida escolar e acadêmica de muitos mineiros e mineiras. Houve quem leu *O bonequinho doce* na infância, estudou em seus livros didáticos e, anos mais tarde, assistiu às suas aulas no mestrado e no doutorado. Publicou cerca de 30 livros para crianças e adultos. Dentre os infantis, além dos dois recordistas de reimpressão, destacam-se: *"Como se fosse gente" e outras fábulas*, recontos das fábulas de Fedro; *Ciranda*; *Edmar: esse menino vai longe*; *Gato que te quero gato*; *Cirandinha*; *Mimi fugiu*; *Era uma vez um abacateiro*; *Ulisses*; *Simbad, o marujo*; *O avião de Alexandre*; e a série didática Meu coração. Dentre os destinados a adultos: *Sugestões para divulgação do ensino primário no Brasil*; *Da alfabetização ao gosto pela leitura*; *Impressões de leitura*; e *Se bem me lembro…*, uma autobiografia em prosa e verso lançada pouco antes de seu centenário.

Quando era criança, Alaíde gostava de se olhar no espelho grande e ornado que enfeitava a sala da sua casa. Um dia, o espelho foi morar na casa de um tio; depois, na do seu irmão mais velho. O que ela mais queria era tê-lo de volta. Já mais velha, conseguiu recuperá-lo.

4 Trecho do poema "Segredo", de Henriqueta Lisboa, presente em MARQUES; OLIVEIRA, 2013, p. 30.

Contou emocionada que quando olhou para sua imagem refletida, enxergou-se menina. Vaidade? Longe disso. É certo que Alaíde não agia com falsa modéstia, não se esquivava de elogios, mas esse não é o ponto. Aquele espelho, na verdade, revelava muito mais que sua imagem imediata. A senhora e a menina estavam ali – e também a jovem, a mulher, a filha, a irmã, a esposa, a mãe, a avó, a futura bisavó, a amiga, a professora, a escritora, a pesquisadora, a jornalista, a vereadora, a sindicalista, a generosa artista. Ela sempre dizia, ao relembrar o herói Ulisses, da *Odisseia*, que era um pouco de tudo o que encontrou pelo caminho. Por isso foi – e ainda é – tantas.

Em um poema, Alaíde descreve o relógio como aquele que anuncia tudo, de lamentos a celebrações, com a mesma indiferença. Assim como o artefato do tempo, o corpo também para. No entanto, assim como o tempo, a lembrança da vida permanece e faz brotar: um roseiral inteiro e – quem sabe? – um novo abacateiro; novos olhares abertos e brilhantes; novos(as) poetas e professores(as) atentos(as); novas mulheres políticas defensoras da educação e da cultura; pessoas que nunca mais conseguirão usar parêntesis sem imaginar que eles abraçam as palavras. Mesmo ciente das marcas profundas que deixava, ficava feliz quando escreviam sobre ela – "É uma maneira de eu não morrer!" (ALMEIDA; RESENDE, 1983, n. p.).[5] Ora, (Alaíde)… você sempre estará aqui.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guido de; RESENDE, Maria Ângela de Faria. *Meu coração ou Alaíde Lisboa de Oliveira na memória da Universidade*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1983.

MARQUES, Francisco; OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *Quando o segredo se espalha*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *Gato que te quero gato*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1988.

_____. *Se bem me lembro…* Belo Horizonte: Mazza, 2000.

REIS, Milton. Alaíde de Oliveira, a mestra da pluralidade singular. *Revista da Academia Mineira de Letras*, ano 82, v. XXXIII, jun./ago. 2004. Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 2004.

SOARES, Magda. Prefácio. *In*: MARQUES, Francisco; OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *Quando o segredo se espalha*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

5 Quando soube que seria homenageada em *Meu coração ou Alaíde Lisboa de Oliveira na memória da Universidade*, não hesitou em responder: "Que bom! Façam isso sim! É uma maneira de eu não morrer!".